



## A RELAÇÃO DE ORTEGA Y GASSET COM A FENOMENOLOGIA

The Relationship of Ortega y Gasset with Phenomenology

La Relación de Ortega y Gasset Con La Fenomenología

ALAN MÜLLER<sup>1</sup>  
(UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

ADRIANO FURTADO HOLANDA<sup>2</sup>  
(UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

**Resumo:** A relação de Ortega y Gasset com a fenomenologia engloba um antagonismo de perspectivas no que tange a repercussão da filosofia espanhola do século XX. Dentre estas formas de conceber esta relação, evidencia-se a concepção de que Ortega tenha formulado uma filosofia original, abandonando a fenomenologia no momento em que a provava, visão esta repercutida por seu discípulo mais dileto, Julián Marías. Por outro lado, alguns pensadores, como Javier San Martín Sala, defendem que Ortega permaneceu fenomenólogo até o final, apesar de sua própria opinião. Ocorre que, ao deparar-se com a obra de Husserl intitulada *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, Ortega acredita que Husserl reformulou a fenomenologia devido a um encontro travado entre ambos em 1934. Ortega acredita que até aquele momento a fenomenologia era uma forma radicalizada do kantismo por acreditar que faltava-lhe a razão histórica em seu contexto epistemológico e, por fim a encontra nos escritos do chamado último Husserl.

**Palavras-Chave:** Ortega y Gasset; Filosofia; Fenomenologia; Razão Histórica; Kantismo.

**Abstract:** Ortega y Gasset's relationship with phenomenology encompasses an antagonism of perspectives regarding the repercussion of Spanish philosophy of the twentieth century. Among these forms of conceiving this relation are the conception that Ortega formulated an original philosophy abandoning the phenomenology in the moment of proving it. His most beloved disciple, Julián Marías, passes on that vision. On the other hand, some thinkers, like Javier San Martín Sala, argues that Ortega remained a phenomenologist until the end, despite his own opinion. It occurs when Ortega confronted with Husserl's work entitled *The Crisis of the European Sciences and the Transcendental Phenomenology*. Ortega believes that Husserl reformulated phenomenology due to a meeting between them both in 1934. Ortega believes that until that moment phenomenology was a radicalized form of Kantianism for believing that historical reason was lacking in its epistemological context and finally found it in the writings of the so-called last Husserl.

**Keywords:** Ortega y Gasset; Philosophy; Phenomenology; Historical Reason; Kantianism.

**Resumen:** La relación de Ortega y Gasset con la fenomenología engloba un antagonismo de perspectivas en lo que se refiere a la repercusión de la filosofía española del siglo XX. De entre estas formas de concebir esta relación, se evidencia la concepción de que Ortega ha formulado una filosofía original, abandonando la fenomenología en el momento en que la había probado, visión esta repercutida por su discípulo más dileto, Julián Marías. Por otro lado, algunos pensadores como Javier San Martín Sala defienden que Ortega permaneció fenomenólogo hasta el final, a pesar de su propia opinión. En el caso de que se trate de una obra de Husserl titulada *La Crisis de las Ciencias Europeas y la Fenomenología Transcendental*, Ortega cree que Husserl reformuló la fenomenología debido a un encuentro trabado entre ambos en 1934. Ortega cree que hasta ese momento la fenomenología era una forma radicalizada del kantismo por creer que le faltaba la razón histórica en su contexto epistemológico y, por fin la encuentra en los escritos del llamado último Husserl.

**Palabras clave:** Ortega y Gasset; Filosofía; la fenomenología; Razón Histórica; Kantismo.

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Email: [alanmila@gmail.com](mailto:alanmila@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4117-0869>

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia, Professor do Programa do Pós-Graduação em Psicologia e em Educação da Universidade Federal do Paraná. Endereço Institucional: Praça Santos Andrade, 50. 1o Andar, Sala 102. Curitiba/PR. Email: [aholanda@yahoo.com](mailto:aholanda@yahoo.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7171-644X>



## Introdução

Ortega y Gasset (1833-1955) foi um filósofo espanhol de grande influência no século XX. Sua vasta obra percorre temas variados, sendo que uma das grandes questões que ecoam em sua filosofia é a sua relação com a fenomenologia husserliana. Mas, por que seria importante relacionar Ortega y Gasset com a fenomenologia? É o que se pergunta Javier San Martín (2013), tendo dedicado boa parte de seus estudos nesta questão. Parece mais simples concordar com a teoria exposta por Julián Marías, principal discípulo de Ortega, o qual afirma que o pensamento orteguiano era de fato original, único, aludindo que Ortega teria se distanciado da fenomenologia husserliana no mesmo instante que a provava. Logo, para San Martín (2012) existem dois modos principais de se aproximar da filosofia orteguiana: O primeiro é o descrito por Julián Marías, ou seja, compreendendo Ortega como filósofo original; e o segundo seria ligando o pensador espanhol a um dos três grandes movimentos que moldaram o século XX, a saber, o pensamento marxista, a filosofia fenomenológica e a filosofia analítica. Constar Ortega no movimento fenomenológico permeia a possibilidade de acrescentar seu nome à bibliografia que faz jus a este movimento, legitimando a repercussão de um pensamento latino, no caso espanhol, na seleta gama de pensadores do referido movimento. San Martín (2013) ressalta que excluir Ortega do movimento fenomenológico acaba por associá-lo à filosofia da vida, classificando-o como um pensador do século XIX, e não do XX, ao lado de Dilthey e Nietzsche. Isto em si não é desonra alguma, pelo contrário, porém ignora elementos da fenomenologia husserliana em Ortega. Por sua vez, caso Ortega seja incluído como pensador da escola fenomenológica, ele será colocado entre Husserl e Heidegger e assim seus textos serão passíveis de utilização para a introdução ao pensamento fenomenológico (San Martín, 2013).

## Fenomenologia: Uma Boa Sorte

Ortega y Gasset (1965) afirmara que, “[...] a fenomenologia não foi para nós uma filosofia: foi... uma boa sorte” (p.42). Isto deve-se ao fato de que por meio dela Ortega pôde encontrar a saída do neokantismo. Neste sentido, é enfático em sua crítica ao idealismo kantiano, “Durante dez anos vivi dentro do pensamento kantiano: tenho-o respirado como uma atmosfera que fora minha casa e minha prisão [...] Com grande esforço consegui evadir-me da prisão kantiana e escapei de sua influência atmosférica” (Ortega y Gasset, 1966, p. 25). Consequentemente, Ortega compreenderá que a fenomenologia busca salvar a racionalidade, sem ignorar o imediato vivido. Isto é, o objeto não está mais desacoplado da vida pessoal, pois se dá na vida mesma, a vida individual (San Martín, 1994, p. 28). A razão passa a ser inserida na vida, uma subjetividade vivente, constituída de vivências. O termo vivência fora cunhado pelo próprio Ortega visando traduzir o conceito alemão de *Erlebnis* utilizado por Husserl, em seu texto *Sobre o Conceito de Sensação*, traduzido para o português recentemente (Ortega y Gasset, 2011). Ortega (2011) descreve este fenômeno como: “Tudo aquilo que chega com tal imediatez a meu eu, que entra formando parte dele, é uma vivência. Como o corpo físico é uma unidade de átomos, assim também o eu ou corpo cônico é uma unidade de vivências” (p.222). A fenomenologia aflora como a ciência descritiva destas vivências, e assim Ortega vislumbrará na fenomenologia o ponto “arquimediano de tudo” (San Martín, 1994, p. 29), pois tudo se dá na vida individual de cada um. Entretanto, desde logo Ortega percebe que este individual não é algo isolado, mas que se dá na relação, na circunstância. Já em 1914, em *Meditações do Quixote* dirá “Eu sou eu e minha circunstância, e se não a salvo não salvo a mim” (Ortega y Gasset, 1967, p. 322). Esta relação do eu com o entorno incorpora implicitamente a noção de sujeito na noção de objeto, sendo o equivalente em Husserl do a priori da correlação (San Martín, 1994).

Em uma análise histórica da filosofia Ortega formula três metáforas que expressam os principais pensamentos de cada época. A primeira seria a época de cera na qual a concepção de cunho aristotélico vigora, interpretando que a consciência é formada pela realidade que a carimba como um selo de cera, deixando sua marca nesta. Destaca-se o pensamento grego e o empirismo nesta fase; A segunda trata do continente e conteúdo, marca da modernidade, compreendendo a consciência como um recipiente no qual se dão as representações, conteúdos da consciência dos quais para mais além se encontra a realidade. Tem como marco deste pensamento a inversão copernicana de Kant; por fim, a fenomenologia surge como uma terceira via, que pretere às demais. Ortega nomeia esta via de *Dii consentes* em referência aos deuses romanos, dos quais se dizia que só poderiam nascer e morrer juntos. Este pensamento refere-se a relação mútua da consciência e da realidade, “eu sou eu e a circunstância” dirá Ortega, isto é, consciência e realidade (San Martín, 1994).



## O Abandono à Fenomenologia

Sem embargo o filósofo espanhol parece se identificar com a fenomenologia husserliana, dando sinais de entusiasmo para com esta. Porém, apesar de por um momento identificar Husserl como seu “mes-tre” (Olmo García, 1983), Ortega passa a conceber a ideia de que na realidade a fenomenologia teria dado um fundamento rigoroso ao racionalismo, mas que por fim continuava idealista no sentido neo-kantiano. Válido recordar que Ortega chega a afirmar que a fenomenologia se apoiava em “pura magia” e que havia abandonado a fenomenologia no mesmo momento que a provava (San Martín, 1994).

Algo inusitado ocorre com Ortega y Gasset, pois, se a princípio se declara um seguidor de Husserl, a impossibilidade de compreender alguns dos conceitos fundamentais da fenomenologia como Husserl os expusera, levou-lhe a confessar que no mesmo instante que conhecera a fenomenologia afastou-se dela (San Martín, 1994, p. 18).

Esta afirmação torna-se o fio condutor da interpretação perpetrada pelos discípulos de Ortega, bem como por historiadores da fenomenologia, de que ele não era um fenomenólogo (Spiegelberg, 1971; Marías, 2000, 2004). Tratando da repercussão da fenomenologia na Espanha, Spiegelberg (1971) relata: “Mas, de forma diversa do que ocorrera na França, o meio para esta propagação da fenomenologia se deu por intermédio de um único filósofo, José Ortega y Gasset, que em última instância, não fora um fenomenólogo” (p. 611). Este trecho denota que a visão de Marías sobre a relação de Ortega com a fenomenologia ganhou força, ultrapassou fronteiras e consolidou a visão não fenomenológica de Ortega. Cabe destacar que esta visão idealista da fenomenologia generalizou-se para outros contextos, que não necessariamente estão concatenados à figura de Ortega. Dan Zahavi (2012), comentador da obra husserliana contemporânea, afirma que sua reinterpretação de Husserl consiste em desmistificar a caricatura difundida de compreensão da fenomenologia como um subjetivismo idealista, intelectualista e imanentista. Resta analisar este estranhamento que ocorre entre Ortega e a fenomenologia e do qual San Martín, na citação acima, se refere.

Diz Cervantes (2015) em seu Dom Quixote, “[...] me parece que traduzir de uma língua para outra, desde que não seja das rainhas das línguas, a grega e a latina, é como olhar os tapetes flamengos pelo avesso: embora se vejam as figuras, estão cheias de fios que as obscurecem, não se podendo ver com a clareza e a cor do lado direito [...]” (pp. 549-550). Este alerta quixotesco remete aos problemas imbricados no trabalho de tradução de escritos. Curiosamente a relação de Ortega com a fenomenologia encontra-se envolvida neste drama, e trama, das traduções e interpretações.

Como visto, a compreensão de Ortega sobre a fenomenologia remetia a um idealismo radicalizado. Pela perspectiva orteguiana Husserl tentava “saltar por cima da sombra” (Marías, 2000) ao realizar a *epoché* e a redução fenomenológica, uma vez que este contexto gerava a tentativa de alcançar uma consciência absoluta, extirpada da vida humana, dotada de pleno acesso as coisas sem imbricações pessoais, compreendendo a consciência reflexiva como a consciência absoluta frente à natural (San Martín, 1994, p. 208). Neste sentido, estranha-se ao analisar o curso proferido por Julián Marías, sobre os estilos da filosofia, os comentários acerca de fenomenologia de Husserl. Neste discurso de Marías é possível evidenciar a problemática radicada da interpretação espanhola do século XX sobre a fenomenologia. Ainda que extenso, segue parte relevante do texto devido ao conjunto de questões que ele evidencia.

O objeto é posto em parênteses pela redução fenomenológica. Contudo, como se coloca o parêntese da *epoché*? O parêntese se coloca fora, de modo que englobe o sujeito, o ato com sua qualidade e o objeto intencional. Se põe fora e portanto toda posição relativa a realidade é eliminada. Sim, mas este parêntese foi colocado pelo lado de fora, não de dentro, e você pode, naturalmente, colocar outro parêntese: agora posso reduzir o ato anterior já reduzido, o ato reduzido fenomenologicamente, mas só posso fazê-lo de fora desse parêntese colocando outro parêntese, que o engloba. Portanto, o ato de colocar parênteses, o ato de abstenção, é feito fora do parêntese (Marías, 2000).

Ocorre aí uma interpretação bastante peculiar da obra de Husserl. Avulta-se uma compreensão de que Husserl ignora a consciência natural em prol de uma consciência absoluta idealizada. Ortega nega a redução por acreditar que ela ignora os atos executivos da consciência, ou, dito de outra forma, “(...) a relação primária com o mundo é a relação pragmática de se estar no mundo *contando com as coisas* e, portanto, o pensar ou ter consciência das coisas não é o primário” (San Martín, 1994, p. 50). Este fato leva à Ortega a afirmar que recusou a fenomenologia no momento que a concebera, mantendo apenas o método descritivo de Husserl em suas análises. Para Ortega, por meio deste entendimento, a fenomenologia carecia de uma razão histórica e fundava-se em uma razão meramente ideal. Ortega chega a afirmar que a fenomenologia era de fato a forma mais sofisticada de idealismo (Olmo García, 1983). Esta perspectiva se dá pela leitura da *Ideias* de Husserl por meio de uma interpretação errônea dos temas elencados (San Martín, 2012, p. 175).



San Martín (2012) esclarece que Ortega recebeu este viés idealista da fenomenologia por meio da leitura de *Ideas*. Segundo consta, Ortega inferiu que a redução seria o meio de acesso a uma consciência absoluta, gerando a impressão de uma idealidade da consciência, ou seja, uma consciência que não teria relações com o mundo, que conceberia o mundo e o articularia. Entretanto, uma análise do texto original em alemão, ainda segundo San Martín (2012, p. 175), indica que Husserl se refere à consciência natural como absoluta e não o contrário. Voltar às coisas mesmas seria um acesso natural à realidade sem pre-concepções. Ou seja, a relação intencional é contínua, distanciando-se de uma consciência meramente ideal. Zirión (2001) em seu texto *Ideas I en Español, o de Cómo Armaba Rompecabezas Jose Gaos*<sup>1</sup>, expõe de forma detalhada todas as incongruências na tradução de Gaos, aluno de Ortega e que herdara sua interpretação da fenomenologia. Afirma inclusive que Gaos (Zirión, 2001) confessa certa confusão em algumas passagens de Husserl afirmando que, “Não está claro ainda se a vivência absoluta é aquela que é objeto da reflexão enquanto objeto desta, ou esta da reflexão” (p. 331). Ou seja, seria a consciência reflexiva, que analisa a vivência, a vivência absoluta? San Martín (1994) esclarece, “o ser absoluto não são os atos de reflexão senão as vivências descobertas pela reflexão” (p. 206). Estas confusões de Gaos acarretam na problemática evidenciada na tradução de *Ideas I* para o espanhol. San Martín (1994), em seus Ensaio Sobre Ortega, perfaz uma análise minuciosa do parágrafo 50 de *Ideas* na versão castelhana. Para uma maior compreensão desta análise pareou-se neste estudo três versões do texto, a em castelhana na obra de San Martín, uma versão em português traduzida por Márcio Suzuki e o original em alemão, conforme se observa abaixo:

Na orientação fenomenológica, nós *impedimos*, em generalidade de princípio, a *efetuação* de todas essas teses cognitivas, isto é, “colocamos entre parênteses” as teses efetuadas, e “não compartilhamos dessas teses” para fazer novas investigações; em vez de nelas viver, de *as* efetuar, efetuamos atos de *reflexão* a elas direcionados, e as apreendemos como o ser absoluto que elas são. Vivemos agora inteiramente nesses atos de segundo nível, cujo dado é o campo infinito do conhecimento absoluto – o campo fundamental da fenomenologia (Husserl, 2014, pp. 117, 118).

Analisa-se o mesmo trecho em espanhol transcrito por San Martín (1994):

En la actitud fenomenológica *sofrenamos* [*unterbinden*: interrompimos] con universalidad de principio, la *ejecución* [Vollzug] de todas estas tesis cogitativas, es decir, “ponemos entre paréntesis” las ejecutadas (\*), a los fines de las nuevas investigaciones “no participamos [*mitmachen*: participar] en esas tesis”; en lugar de vivir *en* ellas, de ejecutarlas (\*\*), ejecutamos actos de *reflexion* dirigidos a ellas y las (\*\*\*) aprehendemos incluso como el ser *absoluto* que son. Ahora vivimos totalmente en tales actos de segundo grado, en lo que se da el campo infinito de las vivencias absolutas – el campo fundamental de la fenomenología (p. 206).

Por sua vez, segue o texto original em alemão:

In der phänomenologischen Einstellung unterbinden wir in prinzipieller Allgemeinheit den Vollzug aller solcher kognitiven Thesen, d.h. die vollzogenen “klammern wir ein”, für die neuen Forschungen “machen wir diese Thesen nicht mit”; statt in ihnen zu leben, sie I zu vollziehen, vollziehen wir auf sie gerichtete Akte der Reflexion, und wir erfassen sie selbst als das absolute Sein, das sie sind. Wir leben jetzt durchaus in solchen Akten zweiter Stufe, deren Gegebenes das unendliche Feld absoluter Erlebnisse ist - das Grundfeld der Phänomenologie (Husserl, 1976, p. 107).

Há, como nota-se, uma distinção tipográfica (apud San Martín, 1994, p. 206), nos termos *ejecutar* ou *efetuar*, sendo uma normal, tomada quando “efetuamos a redução fenomenológica” (Husserl, 2014, p. 117) e outra em itálico, quando se diz: “em vez de efetuar de modo ingênuo os atos de competência da consciência constituinte da natureza, com suas teses transcendententes” (Husserl, 2014, p. 117). Orringer pauta nisto uma interpretação para a leitura do texto, porém, constata San Martín (1994, p. 207) que, esta duplicidade não é totalmente empregada no parágrafo citado acima, pois o primeiro *ejecutar* marcado com um (\*) na citação em espanhol deveria estar em itálico, o mesmo se dá com o segundo, no qual apenas o pronome vai em cursiva e não o verbo. Note que o mesmo parece ocorrer com a tradução em português, deixando a teoria de Orringer enfraquecida. Contudo, a dificuldade de compreensão do §50 parece evocar maiores problemas. Além disso, percebe-se a plasticidade do idioma alemão e a diversidade de utilização do termo *Vollzug*. Eis que,

Aqui se encerra um dos mal-entendidos principais a respeito da fenomenologia de Husserl, e creio que o próprio Ortega tenha também o cometido, pelo menos a partir de 1929, em pensar que o fundante originário e absoluto da fenomenologia é a consciência reflexiva, a reflexão, a autoconsciência, o que Orringer chama de eu transcendental (San Martín, 1994, p. 206).

<sup>1</sup> Tradução: *Ideias I* em espanhol, ou como José Gaos montou seu quebra-cabeça.



Ao falar “e as apreendemos como o ser absoluto que elas são”, Husserl refere-se às vivências descobertas e não aos atos de reflexão que são direcionados a elas. Em suma, esta foi a dúvida crucial de Gaos, citada por Zirión, que gerou uma compreensão sumariamente idealista de Husserl. Não por acaso, no prefácio da *Ideias I* em português consta o seguinte alerta:

Aquela doutrina que estreara na cena filosófica alemã em 1900, com as austeras e “realistas” *Investigações Lógicas*, se tornara não só “transcendental” como também abusiva e delirantemente “idealista”. Pois a partir de agora se afirmará, com a maior falta de cerimônia e sem qualquer compostura, que os objetos se “constituem” graças aos atos da consciência, que essa consciência não precisa da realidade para existir e que a realidade, ao contrário, “depende” da consciência (§§ 49/50). Em suma, um escândalo teórico que viria minar a antiga e confortável reputação de Husserl (Moura, 2014, p. 15).

Esta representação vai ao encontro das más interpretações mencionadas por San Martín (1994), Zahavi (2012), entre outros. A noção de que a fenomenologia se apoiara em um idealismo kantiano, ignorando seus escritos regressos e seu debate com os neo-kantianos de Nartop. A princípio, o §50 de *Ideias I* parece ser crucial para a compreensão idealista da fenomenologia, criando uma perspectiva que fora promulgada em diversos contextos, incluindo o orteguiano e se disseminando na Espanha.

## O Reencontro com Husserl

Esta perspectiva espanhola da fenomenologia gera um caso curioso. Julián Marías (2000) alega que em visita realizada por Ortega a Husserl em 1934, o espanhol teria explicitado suas críticas ao idealismo husserliano e que por meio disto Husserl elaborara o conceito de *Lebenswelt*, o qual se aproxima da interpretação orteguiana da razão vital. Ou seja, Marías afirma que por meio de Ortega pôde Husserl conceber uma razão histórica, reformulando sua fenomenologia conforme fora descrita na obra *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*, ou como alguns chamam, a fase do último Husserl. Esta interpretação é polêmica e um pouco extravagante. Constata-se que o termo *Lebenswelt* já margeia obras de Husserl anteriores à *Crise*<sup>2</sup>, e que a noção da razão histórica ainda que não esteja explícita, permeia implicitamente seus escritos. Nas palavras de Olmo García (1983) “Não acreditamos, no entanto, que se possa considerar os estudos de Husserl sobre o *Lebenswelt* como uma ruptura com sua trajetória (...)” (p. 109). Quanto à visita de Ortega a Husserl, tem-se o registro de uma carta de Husserl para Ingarden descrevendo o evento.

Na semana passada tivemos uma visita filosófica muito interessante: Ortega y Gasset, que nos causou uma grande surpresa. Ele está profundamente familiarizado com meus escritos. Todos os dias ele teve, comigo e com Fink, conversas longas e sérias, perfazendo perguntas até as mais difíceis profundezas. Ele realmente não é só, como divulgado, o pedagogo da nova Espanha, mas também é um professor vanguardista de uma escola fenomenológica. Ele agora fará uma tradução das *Meditações* e depois das outras obras (as *Investigações Lógicas*, na edição em espanhol, estão nas mãos de todos). E, além disso, é um homem maravilhoso<sup>3</sup>.

Esta visita também é descrita por Spiegelberg (1971, p. 614), sinalizando que Ortega teria ido a Friburgo em 1934 para conhecer Husserl. San Martín (2012) relata que Ortega ficara realmente perplexo com os escritos da *Crise*, ao ponto de creditar a autoria das obras a Fink, aluno e assessor de Husserl. San Martín, contudo, expõe que este assunto já fora devidamente explorado e que Ortega cometera um enorme engano ao relatar isto. Ao que se percebe, após a leitura da *Crise*, Ortega passa a conhecer de forma mais clara a ideia de Husserl, compreendendo que aquilo que o alemão falava e fazia era algo muito parecido com o que ele estava desenvolvendo. Desenrola-se aqui um verdadeiro drama espanhol no qual Ortega, mesmo compreendendo naquele período a fenomenologia um idealismo refinado, acaba por desenvolver sua teoria da razão vital com enfoque da razão histórica e paradoxalmente chega a uma interpretação muito semelhante à de Husserl quando este sistematiza o conceito de *Lebenswelt*. A interpretação é tão semelhante que Ortega e Marías acreditam que o conceito do *Lebenswelt* fora fruto da inspiração orteguiana.

O que é curioso atualmente é que se vocês lerem escritos recentes de fenomenologia, especialmente os franceses que têm cultivado uma escola fenomenológica, irão reparar que constantemente estão

<sup>2</sup> Aqui remetemos aos dois textos tardios de Husserl, à sua Conferência de Viena, de 1935, e intitulada “Filosofia na Crise da Humanidade Europeia”, publicado postumamente em 1954, no volume VI da Husserliana, que possui duas edições brasileiras, sendo a primeira de 1996 (com tradução e introdução de Urbano Zilles), e a segunda de 2012, compondo um volume, juntamente com o segundo texto, a Conferência de Praga, intitulada “A Crise das Ciências Filosóficas e a Fenomenologia Transcendental: Uma introdução à Filosofia Fenomenológica”, originalmente publicada em 1936, na revista *Philosophia*, de Belgrado. Este segundo texto, traz a edição de Walter Biemel, com tradução de Diogo Falcão Ferrer.

<sup>3</sup> Traduzido da versão espanhola de Francisco Javier Olmo García (1983, p. 108).



empregando como conceito capital de Husserl o que chamam de *Lebenswelt*, o mundo da vida. Agora vejam, o conceito de mundo da vida não é husserliano, é o contrário de Husserl, é precisamente o que ele não havia admitido nunca em toda sua vida, a não ser em seus últimos anos de vida (Marías, 2000).

O idealismo husserliano, conforme constatou-se, não passou de uma perspectiva da leitura feita por Ortega e seus discípulos pautada em uma compreensão equivocada. Não obstante, Ortega tinha mais semelhanças com Husserl do que supunha. O próprio Husserl parece concordar com isto, visto que na carta a Ingarden destaca Ortega como professor de uma escola fenomenológica. Robert O'Connor (1979) já percebe a correlação dos escritos de Ortega com a fenomenologia em seu *artigo Ortega's Reformulation of Husserlian Phenomenology*, ultrapassando a visão de Marías (2000) e de Spiegelberg (1971), mas ainda compreende que Ortega teria reformulado a fenomenologia, partindo para uma filosofia existencial.

Embora a fenomenologia husserliana tenha influenciado o pensamento de Ortega, nem Ortega nem seus comentadores esclareceram suficientemente sua relação com Husserl - muito menos ao movimento fenomenológico em geral. Essa tarefa, entretanto, é indispensável. Pois estou convencido de que a fenomenologia subjaz em diversas partes fundamentais na filosofia de Ortega: sua metafísica da vida humana (*O que é Filosofia?*) sua filosofia da história (*História como um Sistema*); sua filosofia da sociedade (*O Homem e a Gente*) (O'Connor, 1979, p. 53).

O'Connor (1979) se utiliza de textos precoces (1913) de Ortega para justificar esta posição, a saber: *Sobre o Conceito de Sensação e Construção e Intuição*, ambos de 1913. Infere que estes escritos juvenis de Ortega contêm a interpretação orteguiana da fenomenologia, ignorando a continuidade de sua obra. "Sabe-se que estes textos não inferem a imensa problemática que existe na compreensão das palavras puro e transcendental, que podemos agora compreender a partir do confronto com as interpretações de Gaos." (San Martín, 2012, p. 27). Ora, O'Connor aludiria, pautado nestes textos de 1913, que Ortega terá sido o primeiro pensador com influência husserliana a dar o giro existencial. San Martín alude que O'Connor não possuía naquele momento os dados necessários para compreender a concepção orteguiana da fenomenologia, principalmente devido ao problema da tradução e interpretação de *Ideias* em solo espanhol.

Conquanto, registra-se a crítica de Nelson Orringer, o qual não acredita que a concepção de que Ortega teria compreendido mal a noção de consciência pura de Husserl devido à uma tradução errônea de José Gaos da obra *Ideias*. Orringer (2001) julga difícil acreditar nesta hipótese, visto que Ortega não se fiaria na tradução de seu discípulo uma vez que possuía domínio do idioma alemão. Além disto, Orringer alude que San Martín ignora a influência de Dilthey<sup>4</sup> na obra orteguiana. Orringer destaca que Ortega refaz toda a compreensão da filosofia de seus contemporâneos pela perspectiva de Dilthey. Neste sentido, na obra *O que é Filosofia?* Ortega elenca as categorias da vida humana, de forma semelhante as *Kategorien des Lebens* de Dilthey. Ora, a falta de um sistema para uma razão histórica exposta em *Ideias* é uma das críticas de Ortega e que possui, ao que parece, grande influência diltheyniana. A questão da consciência transcendental é abordada por Ortega, bem como pelo discípulo dileto de Dilthey, George Misch<sup>5</sup>. Em ambas as versões desta crítica (tanto a do espanhol quanto a do alemão) o problema parece recair em uma interpretação errônea do conceito husserliano de consciência pura, o que corrobora com a tese de San Martín. O curioso é destacar que Misch lê a obra em alemão e não pela tradução de Gaos. Essencial reiterar que o próprio Husserl (1970) aludira que, a forma como se expressara em *Ideias*, poderia induzir certa má interpretação de seus escritos. Se esta dificuldade interpretativa é percebida por um nativo alemão, que dirá de um espanhol. Esta análise, contudo, parece resguardar os méritos de Gaos em seu trabalho de tradução. De todo modo, ambos os pontos, a falta de clareza de razão histórica e o possível idealismo da consciência transcendental foram aclarados na *Crise* pelo próprio Husserl, reconectando o pensamento de Ortega ao do pensador alemão.

## Fenomenologia Orteguiana

Diante do exposto é possível vislumbrar uma possibilidade de uma fenomenologia orteguiana apesar da visão difundida de que Ortega não fora fenomenólogo. Destaca-se a relação de sua obra para com

4 Quanto à relação de Ortega e Dilthey, o primeiro afirma que perdera dez anos de sua vida profissional por não ter lido as obras do segundo anteriormente. Para eximir-se de certa obrigação profissional por ter conhecido Dilthey de forma tardia, Ortega elucida que "el hecho de que un hombre como [Max] Scheler, con olfato de perdiguero para todo lo importante, freneticamente curioso, pasase al lado de Dilthey sin sospecharlo, [y esto] me excusa de aportar más datos" (1964, p. 173). Porém, Orringer contexta este hecho implicado a Scheler, pois o pensador alemão não passou ao lado de Dilthey sem suspeitar que o fazia, visto que em 1913 publicou um artigo intitulado "Versuch einer Philosophie des Lebens. Nietzsche-Dilthey-Bergson". Destaca-se que este artigo está presente na biblioteca pessoal de Ortega, mas não é possível precisar se Ortega o tenha lido ou não. O que sabe-se, contudo, é que Ortega não pode evitar de ler a extensa alusão feita a este artigo por Georg Misch (1878-1965), discípulo e genro de Wilhelm Dilthey, na obra "Lebensphilosophie und Phänomenologie. Eine Auseinandersetzung der Diltheyschen Richtung mit Heidegger und Husserl". Ortega qualifica esta obra como um dos únicos trabalhos apreciáveis sobre Dilthey que se tenha feito. Identifica ainda Misch como o discípulo mais próximo de Dilthey (Orringer, 2001).

5 Misch se utiliza de argumentos semelhantes aos de Ortega para criticar Husserl contra um excessivo cartesianismo.



os escritos da *Crise*. O próprio Ortega indica que estes escritos finais de Husserl se aproximam de sua teoria. Assinala-se o trecho abaixo de autoria de Fink no anexo XXIX da *Crise*,

O psicólogo não pode, porém, pôr universalmente entre parênteses a validade do horizonte da consciência do mundo de modo arbitrário, nas pessoas que psicologicamente lhe interessam, mas há aqui uma ordem que reside na coerência da epoché, do mundo. Ele só pode partir de si, da vida da sua consciência (submetida à epoché da sua validade do mundo); só a partir de si tem ele os outros na atitude psicológica genuína (Husserl, 2012, p. 430).

Trecho este que vai de encontro a interpretação orteguiana e de Marías sobre a epoché, enquanto a tentativa de saltar pela sombra. Cita-se ainda as palavras do próprio Husserl (2012),

A consciência da insuficiência desta filosofia desperta uma reação, sem considerar a reação sensu-  
alista e finalmente cética (Hume), a reação kantiana e da filosofia transcendental subsequente, na  
qual, no entanto, não estava desperto o motivo original, nascido da exigência da apoditicidade. [...] começa assim a descoberta da intersubjetividade absoluta (objetivada, no mundo, como a humani-  
dade inteira) [...] numa vida transcendental de permanente “constituição do mundo” e, assim, corre-  
lativamente, a nova descoberta do “mundo que é” (pp. 218, 219).

De forma geral, logo, Ortega percebe que há uma reconexão do seu pensamento ao processo episte-  
mológico fenomenológico e, ainda que suspeitando que Husserl havia mudado seu modo de pensar diante  
das conversas travadas entre ambos, admite que os escritos da *Crise* estão em conformidade com seu pen-  
samento. Ou seja, se Ortega afirma que A (escrito da *Crise*) é B (sua própria obra), e A é fenomenologia,  
logo B é fenomenologia. Em síntese, Ortega é fenomenólogo.

## Referências

- Cervantes, M. de. (2015). *Dom Quixote - Volume 2*. São Paulo: Penguin Companhia das Letras.
- Husserl, E. (1970). *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Evanston: Northwestern University Press.
- Husserl, E. (1976). Deen Zu Einer Reinen Phanomenologie Und Phanomenologischen Philosophie. In *Husserliana*. Martinus Nijhoff.
- Husserl, E. (2014). *Investigações lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura* (Vol. I). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Marías, J. (2000). Los estilos de la Filosofía. In Renato José de Moraes (Ed.), *Conferência do curso “Los estilos de la Filosofía.”* Madrid. Retrieved from <http://www.hottopos.com>
- Moura, C.A.R. de. (2014). Prefácio. In Husserl, E. *Investigações lógicas: Prolegômenos à Lógica Pura* (Vol. I). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- O'Connor, R. (1979). Ortega's Reformulation of Husserlian Phenomenology. *Philosophy and Phenomenological Research*, 40(1), 53–63.
- Olmo García, F. J. (1983). Husserl en los textos de Ortega. *Logos: Anales Del Seminario de Metafísica*, 18, 97–112.
- Orringer, N. R. (2001). La crítica de Ortega a Husserl y a Heidegger: La influencia de Georg Misch. *Revista de Estudios Ortegaianos*, (3), 147–166. Retrieved from <http://ovidsp.ovid.com/ovidweb.cgi?T=JS&CS-C=Y&NEWS=N&PAGE=fulltext&D=phil&AN=1694150>
- Ortega y Gasset, J. (1964). Guillermo Dilthey y la idea de la vida. In *Obras completas - v. VI*. Madrid: Revista de Occidente.
- Ortega y Gasset, J. (1965). Prólogo para Alemanes. In *Obras Completas - v. VIII* (2nd ed.). Madrid: Revista de Occidente.
- Ortega y Gasset, J. (1966). La rebelión de las massas. In *Obras completas - v. IV*. Madrid: Revista de Occidente.



- Ortega y Gasset, J. (1967). *Meditações do Quixote*. São Paulo: Iberoamericana.
- Ortega y Gasset, J. (2011). Sobre o conceito de sensação. *Revista Da Abordagem Gestáltica*, 17, 217–223.
- San Martín, J. (1994). *Ensayos sobre Ortega*. Madrid: UNED.
- San Martín, J. (2012). *La fenomenología de Ortega y Gasset*. Madrid: Siglo veintiuno.
- San Martín, J. (2013). Why declaring Ortega to be a phenomenologist is important: Reasons and difficulties. *Investigaciones Fenomenológica, M*, 297–312.
- Spiegelberg, H. (1971). *The Phenomenological Movement - v. 2* (2nd ed., Vol. 6). Dordrecht: Springer Netherlands. <https://doi.org/10.1007/978-94-017-4744-8>
- Zahavi, D. (2012). Husserl, self and others: an interview with Dan Zahavi. *AVANT Philosophical Interviews*, 3(1), 113–121.
- Zirión, M. A. (2001). Ideas I en español , o de cómo armaba rompecabezas Jose Gaos. In *Investigaciones Fenomenológicas 3* (pp. 325–371). Madrid.

Recebido em 19.12.2019 – Primeira Decisão Editorial em 23.01.2020 – Aceito em 22.02.2020